

Tendências e seus impactos pós pandemia do Covid-19

Marcelo Torretta



O modo como vivemos, nos relacionamos e trabalhamos, está mudando tanto, que nós dividiremos a história em “antes e depois do Covid-19”.

A Covid-19 mudou tanto as nossas vidas, que não estou falando simplesmente da alteração de nossa rotina diária nesse isolamento. Alterações de hábitos que levaríamos décadas para modificar, estamos implementando à força, muito rapidamente.

Seus efeitos devem durar mais de dois anos, pois a OMS (Organização Mundial da Saúde) calcula que sejam necessários - pelo menos - 18 meses para uma vacina segura ser criada, e mais 6 meses para imunizar toda a população mundial que não teve contato com o vírus. Isso significa que os países devem alternar períodos de flexibilização e isolamento durante essa pandemia.

Grandes catástrofes, guerras mundiais e pandemias com os seus lutos coletivos, funcionam como um acelerador de tecnologia e mudanças de comportamento. A pandemia antecipa mudanças que já estavam em curso, como o trabalho on-line, a educação a distância, o uso da inteligência artificial e a busca por um mundo melhor. A cobrança por parte da população vai aumentar para que as empresas e os governos sejam mais responsáveis com seus investimentos voltados para as pessoas e o mundo à sua volta.

Outras mudanças estavam na sombra do acontecimento – ou talvez não fossem tão visíveis assim, mas agora ganham novo sentido diante da revisão de valores provocada por uma crise sanitária sem precedentes para a nossa geração. Como exemplos, podemos citar o fortalecimento de valores como solidariedade e empatia, assim como o questionamento do modelo de sociedade, baseado no consumismo e no lucro a qualquer custo.

Segundo Cezar Taurion, sócio e Head of Digital Transformation da "Kick Corporate Ventures" e presidente do i2a2 (Instituto de Inteligência Artificial Aplicada), “A dificuldade em absorvermos certas previsões futuristas, e delinear um mundo pós pandemia é que, embora a inovação evolua de forma exponencial, nosso pensamento intuitivo é linear. Assim, olhamos a evolução do século passado e projetamos mudanças para os próximos 100 anos, baseados na linearidade do nosso modelo mental. No nosso dia a dia, intuitivamente, preservamos as memórias recentes, e destas memórias projetamos o futuro. Por exemplo: o ano passado provavelmente nos trouxe mais evoluções que os dez anos anteriores, mas esquecemos desses detalhes. E projetamos os próximos anos como evoluções lineares do nosso último ano. A diferença entre o pensar linear e o exponencial é muitas vezes imprevisível e gritante.

A crise do Covid-19 quebrou esse paradigma. Nos obrigou a repensar tudo, de forma abrupta. A linearidade perdeu o sentido. Instituições que se reinventarem para extrair o máximo proveito das melhores visões e previsões, à medida que as preferências mudam, serão as bem-sucedidas”.

Aos trabalhadores, embora muitos possam chegar a se recuperar assim que a pandemia terminar e possam voltar ao trabalho, outros tantos não terão a mesma sorte. Enfrentamos o risco de aumento do desemprego, falta de moradia e pobreza no futuro. Muitos precisarão de treinamento, apoio ou simplesmente um local para fugir de tudo enquanto procuram reconstruir suas vidas e carreiras.

Diante disso, a necessidade de serviços públicos gratuitos e acolhedores, capazes de ajudar as pessoas a encontrar novas oportunidades de trabalho ou negócios e de oferecer um momento de descanso, deverá ser mais alta do que nunca. Iniciativas como incubadoras de empresas, suporte na procura de emprego ou em programas mais amplos de treinamento provavelmente serão importantes.

E assim eu volto a perguntar: existe uma nova ordem mundial? “A mídia está cercada de *fake news*; a diversidade está aflorada; o cuidado, ou não, com a saúde; a renovação da ética; a dicotomia política e a paranoia em sempre cobrar a coisa certa (fazer é outra questão), têm pautado os últimos acontecimentos do nosso dia a dia”. A frase acima foi publicada no final de 2018 e alguns fatos foram listados como tendências para 2019 no artigo: “A nova ordem mundial e seus impactos na cadeia de proteína animal” e, agora, merecem uma releitura para compreendermos o que está por vir e como isso pode implicar em nossas vidas e no nosso futuro pós Covid-19.



Inovação como agente da mudança

Áreas estratégicas como: Inteligência Artificial, meio ambiente e seu impacto social, saúde e biotecnologia, conectividade e pessoas, cidades inteligentes e mobilidade, telemedicina e ensino à distância, estarão em alta nos próximos anos.

1. A Geração Z continuará avançando e a população será mais jovem do que antes

Com a previsão se realizando de mais de um milhão de mortos no mundo em 2020 devido à Covid-19, sendo desses, 80% com mais de sessenta anos e a dúvida de uma 2ª onda se realizando e uma 3ª, 4ª, 5ª, 6ª onda de mortalidade se as vacinas não forem efetivas e as mutações do vírus o tornar um problema crônico, a geração Z (pessoas nascidas entre a segunda metade dos anos 1990 até o início do ano 2010) será mais de um terço da população do planeta e mais de um quinto da força de trabalho em 2020. E como responderá uma geração, especialmente jovem, cuja única vivência do capitalismo é uma crise?

Os centennials (geração Z), no Brasil, já passaram por alguma dificuldade ou instabilidade econômica. Por essas razões, esses jovens combinaram envolvimento e busca por inovação dos millenials (também geração Z), com uma forma mais realista de encarar a vida profissional. Os centennials, no mercado de trabalho, valorizam a segurança financeira e, além disso, podemos dizer que são mais responsáveis do que a geração anterior. Levando em consideração a imensa quantidade de dados que as empresas estão reunindo, é cada vez maior a necessidade de centennials, que são capazes de examinar números, encontrar *insights* nos dados analisados e utilizar o “Big Data” para tomar as melhores decisões estratégicas.



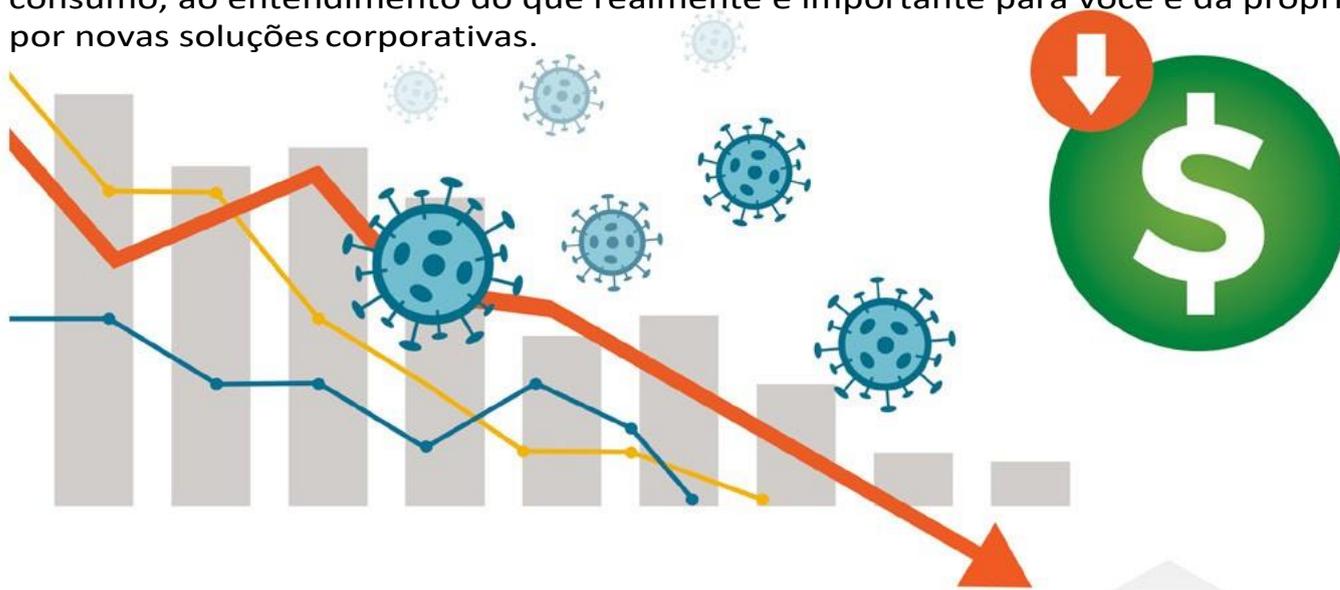
2. O mundo no momento só tem uma certeza: ocorrerá uma retração econômica

O economista Dambisa Moyo disse a seguinte frase em 2019: “A crescente desigualdade, uma força de trabalho pouco adaptada às rápidas mudanças tecnológicas, a instabilidade política e a enorme carga de endividamento dos governos, corporações e indivíduos, têm levado aos economistas preverem uma desaceleração global para 2020,” ele estava totalmente certo, só não imaginava que ainda teríamos o forte impacto da Covid-19 no que ele previu.

A crise financeira decorrente da pandemia, por si só, será um motivo para que as pessoas economizem mais e revejam seus hábitos de consumo. As pessoas estão revendo sua relação com o consumo, reforçando um movimento que já vinha ocorrendo. Hoje, faz-se necessário pensar no valor concedido às pessoas, no impacto ambiental, na geração de um impacto positivo na sociedade ou no engajamento com uma causa. Faz-se necessário olhar definitivamente, com confiança, para os colaboradores já que o *home office* deixou de ser uma alternativa para ser uma necessidade e a visão da brevidade da vida e como vivê-la está sendo repensada por muitos.

O FMI (Fundo Monetário Internacional) prevê para este ano a maior recessão desde a Grande Depressão de 1929. O Banco Mundial projeta uma queda no PIB de 4,6% na América Latina, a maior desde que há registros, uma vez que o Covid-19 impulsiona propostas de renda básica, que deixa de ser utopia. Provavelmente, a maioria das economias demorará de dois a três anos - após o surgimento da vacina - para voltar aos níveis de produção que tinham antes da epidemia, mas o comportamento da humanidade, esse nunca mais será como antes.

Arthur Diniz, CEO e fundador da “Crescimentum”, nos diz que o minimalismo é um movimento que já vinha ganhando espaço, especialmente quando falamos em hábitos de consumo. Com os desencadeamentos da crise, cada vez mais pessoas se viram em um momento de contenção de gastos. Naturalmente, isso pode ter uma complexidade muito maior, envolvendo o próprio desemprego em massa. Cada vez mais, as pessoas percebem que podem mais com menos. Isso repercute em diversos âmbitos da vida, desde hábitos de consumo, ao entendimento do que realmente é importante para você e da própria busca por novas soluções corporativas.





3. Aprender já não basta

Os profissionais vão ter que se concentrar em ações. Se a busca por conhecimentos está em alta, o canal para isso, daqui para frente, será a educação à distância, cuja expansão vai acelerar. Nesse contexto, uma nova figura deve entrar em cena: os mentores virtuais. A *Trend Watching* (Plataforma de pesquisa) aposta que devem surgir novas plataformas ou serviços que conectam mentores e professores a pessoas que querem aprender sobre diferentes assuntos.

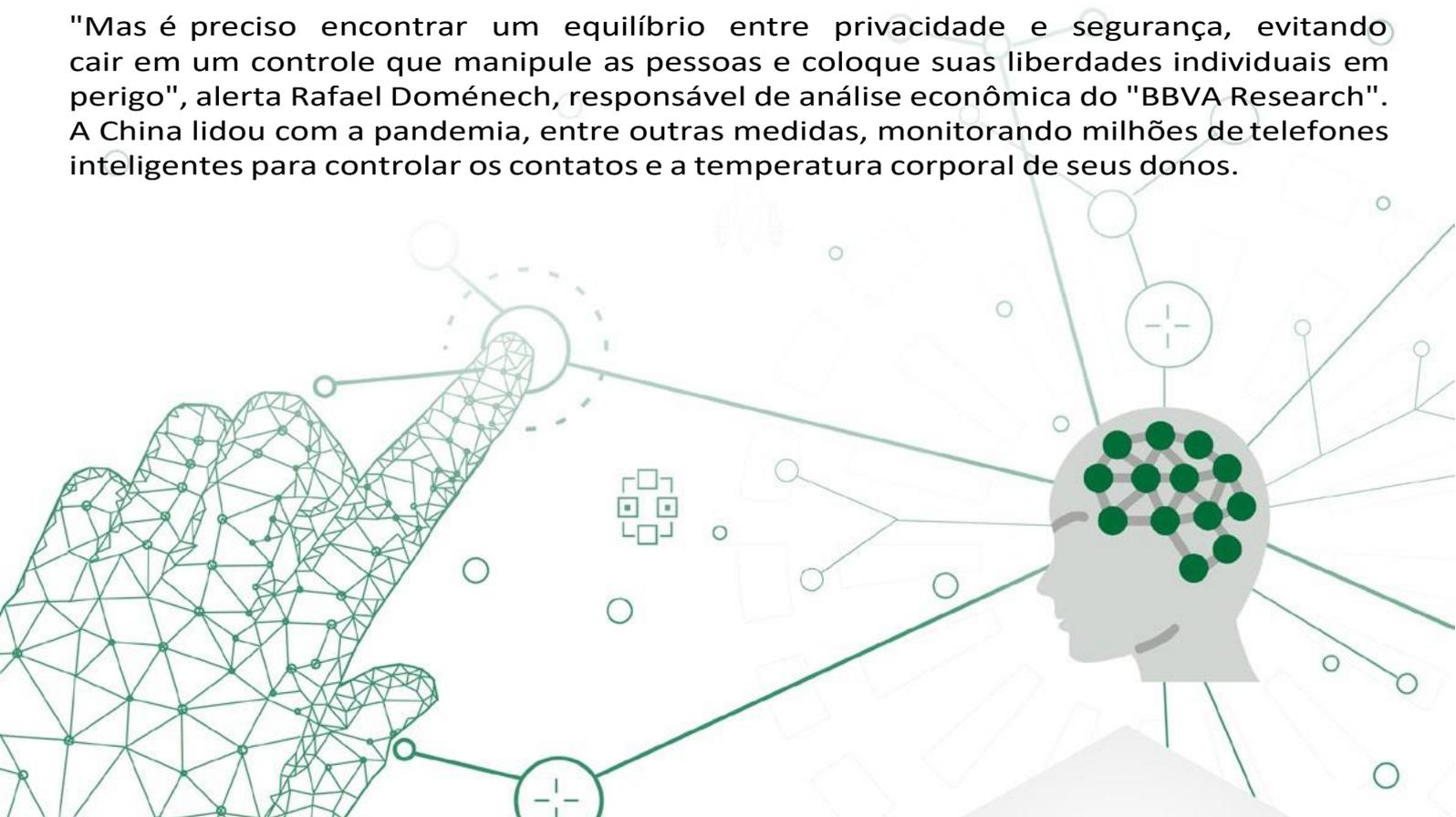
O uso de informação imprópria e a falta de ética faz com que tenhamos que ficar atentos aos conteúdos ofertados. Os profissionais terão que ser cada vez mais questionadores. Mas a era de incertezas, aberta pela pandemia, aguçou esse sentimento nas pessoas, que passam, nesse primeiro momento, a ter mais contato com cursos on-line, com o objetivo de aprender coisas novas, se divertir e/ou se preparar para o mundo pós Covid-19. Afinal, muitos empregos estão sendo fechados, algumas atividades perdem espaço enquanto outros serviços ganham mercado. Educação on-line está se provando no meio da crise. Haverá uma revolução na forma como se aprende em todos os níveis.

4. A Inteligência Artificial (IA) já está em todo lugar

Empresas terão que abandonar o amadorismo digital. Plataformas digitais competentes, mesmo pequenas, serão as que sobreviverão. O e-commerce deixa de ser uma opção secundária de compras. As lojas físicas serão redesenhadas como espaços de experimentação da marca, mas as vendas migrarão mais rápido para o on-line do que se imaginava. Não existe setor da economia ou tamanho de negócio que possa dizer “eu não tenho necessidade de investir no digital”. Quem pensar assim não terá futuro. Nesse contexto, a Inteligência Artificial (IA) está incorporada em nosso dia a dia, moldando nossa forma de consumir e viver. O consumidor foi “forçado” a migrar nesse primeiro momento para o e-commerce. Dados levantados pelo relatório semestrel de e-commerce da Ebit/Nielsen mostram que a pandemia de Covid-19 fez os números do e-commerce brasileiro explodirem. Uma pesquisa que traz os dados consolidados de 2019, no comércio eletrônico, mostrou o quanto a pandemia já influenciou nos números do primeiro semestre de 2020. Em relação ao mesmo período do ano anterior, houve um crescimento de 47%. As empresas que conseguirem proporcionar uma experiência diferenciada - em todos os aspectos - não perderão esse cliente para as lojas físicas ao fim da pandemia. Ao contrário, as empresas que se mostrarem despreparadas perderão espaço.

Algo que se mostrou revolucionário foi o “*Shopstreaming*”, termo que define o e-commerce fundido às transmissões ao vivo e que deverá ser a nova realidade das compras on-line: interativas, experimentais e em tempo real. Foi o que aconteceu no mercado chinês, no pico de sua pandemia. Sem mencionar o crescimento do mercado “*live streaming*”, numa mistura de entretenimento, comunidade e comércio, com muito uso da IA para direcionar o gosto do consumidor aos patrocinadores das “Lives”.

"Mas é preciso encontrar um equilíbrio entre privacidade e segurança, evitando cair em um controle que manipule as pessoas e coloque suas liberdades individuais em perigo", alerta Rafael Doménech, responsável de análise econômica do "BBVA Research". A China lidou com a pandemia, entre outras medidas, monitorando milhões de telefones inteligentes para controlar os contatos e a temperatura corporal de seus donos.



O que vemos então é o surgimento do e-commerce com a inteligência artificial, ligada ao comércio, além do crescimento pela procura de interação sem contato, convergindo com os avanços da robótica. É a chegada de uma nova geração de comércio automatizado.

No tocante à estrutura organizacional, estas tenderão a ser mais fluídas, com empresa atuando de forma mais ágil, com equipes menores e colaborativas. Muitas tarefas serão efetuadas *on-demand*, por serviços externos, oferecidos por humanos ou máquinas. O trabalho será cada vez mais colaborativo entre humanos e máquinas. O artigo "*Collaborative Intelligence: Humans and AI Are Joining Forces*" publicado pela "Harvard Business Review", mostra que a sigla RH já começa a se transformar em Robôs e Humanos.

5. O escritório está ficando vazio. Chegou a hora do *Home Office*?

A superpopulação das cidades e o medo de contágio fizeram com que algumas empresas permitissem que os seus funcionários trabalhassem em casa, para a própria continuidade da atividade. Antes disso, a própria existência do escritório começou a declinar anos atrás com o desastrosos projeto sem paredes, um aglomerado de pessoas usando fones de ouvido e enviando mensagens loucamente. Mais recentemente, o movimento para dar mais flexibilidade aos pais que trabalham fez com que os gerentes permitissem o trabalho sem o comparecimento físico. E agora, Slack, Github, Jira, Zoom, Teams entre outras ferramentas para equipes virtuais, estão sendo adotadas por trabalhadores de todas os segmentos. Assim, o *home office* já era uma realidade para muita gente, de freelancers e profissionais liberais a funcionários de companhias multinacionais que já adotavam o modelo. Mas essa modalidade vai crescer ainda mais. Com a pandemia, mais empresas de diferentes portes passaram a se organizar para trabalhar com esse modelo. Além disso, o trabalho remoto evita a necessidade de estar em espaços com grande aglomeração como refeitórios, pegar ônibus e metrô, especialmente em horários de pico. As pessoas terão mais tempo para trabalhar e para se divertir. Nesse sentido, os gastos com serviços e o consumo de alimentos tendem a aumentar conforme a sociedade tenha mais tempo livre para lazer pós-pandemia, estimulando assim a recuperação da economia. Nessa tendência, hábitos de viagem mudarão radicalmente. Redução absurda nas viagens de negócios substituídas pelas vídeo conferências já se tornaram realidade. Provavelmente, descobriremos que existem muitos trabalhos que podem ser feitos em casa ou a distância, economizando combustível em deslocamentos e tempo de espera em antessalas.



Segundo Paulo Oliveira, coordenador de marketing da Apdata, operando remotamente, muitas empresas precisaram criar formas de comunicar suas metas e expectativas de maneira mais clara. Isso significou delegar tarefas coletivas ao invés de projetos individuais. Essa pode ser uma tendência no futuro, em que as organizações consigam mesclar a produtividade das atividades particulares às mensurações de todo o time. O uso de métricas como as KPIs (Key Performance Indicator) e OKRs (Objectives and Key Results), em que os próprios funcionários estipulam suas metas e interagem sobre elas com suas lideranças, também podem funcionar nesse mundo pós Covid-19 em que as pessoas não estarão todos os dias no escritório. Departamentos de recursos humanos que tiverem gestões em plataformas digitais, terão muito mais facilidade em fazer essa ideia se tornar realidade e colocarão suas organizações na dianteira do mercado. Uma terceira mudança vai ser a possibilidade de ter *dashboards* em tempo real, mensurando os avanços das tarefas. Essa já é uma prática comum em alguns serviços, mas que apenas engatinhava nas empresas brasileiras até o início da pandemia.

Estruturando delegação de responsabilidades, comunicando objetivos de forma clara e ajudando os diferentes times a se complementarem, o gestor ajudará suas equipes a se colocarem na frente desse horizonte pós-pandêmico.

Com o *home office* como prática, uma das principais tendências de RH para o futuro pós-Covid-19 são arranjos de trabalho mais flexíveis. Em meio à crise, as empresas americanas não tiveram dúvida em colocar seus funcionários em modo remoto; isso aconteceu, por exemplo, em 67% das organizações do país, segundo a "Society for Human Resource Management". Ainda não há dados conclusivos sobre o Brasil, mas algumas estatísticas como a do estado de São Paulo, que aponta uma média de 52% das pessoas em isolamento social nos três primeiros meses, trabalhando em *home office* na Grande São Paulo, dão uma dimensão de como as empresas se organizaram.

Quando a crise passar, muitas serão as motivações para que os regimes de trabalho sejam mistos, intercalando dias de trabalho no escritório com outros em casa. Em primeiro lugar, os funcionários já terão as ferramentas para trabalhar e se manterem produtivos, nas mãos. Em segundo lugar, toda uma rotina de interação e de produtividade à distância já foi estabelecida durante a pandemia.





6. Uma guerra fria entre EUA e China está sendo travada. Chegou a era da desglobalização?

EUA desenvolveu uma cadeia de “Supply” com a China nas últimas décadas, que fez com que os americanos perdessem a capacidade tecnológica de fabricar no próprio país. Isso vai mudar por questões de segurança. A globalização sofrerá um duro revés, substituído pelo protecionismo. E não é as das commodities, como: milho, soja ou o “complexo carnes” que estou falando. Apesar das atuais tensões, com os EUA tentando apontar a responsabilidade da pandemia para a China, as economias entre os dois países estão muito interligadas para haver uma ruptura. Anos atrás, já havia dado início à uma guerra fria ligada à tecnologia: Os chineses com seu modelo de IA, os americanos com outro modelo de IA. Os chineses com a internet deles, os americanos com nossa internet. A disputa desses mercados e da captura de informações de bilhões de consumidores é hoje o principal alvo das duas potências. O motivo dessa guerra está relacionado com a segurança nacional das informações coletadas e o futuro do e-commerce. Uma das grandes mudanças chegou agora em novembro na Casa Branca, provando que as crises geralmente não reelegem seus presidentes.

Segundo o colunista do jornal “El País”, Miguel Ángel García Vega, a história alerta que os desastres incendeiam a xenofobia e o racismo. E é cada vez mais comum encontrar avisos dessa rachadura. O sistema autoritário da China será visto como a solução ou a causa da crise? O inepto manejo da pandemia pelos Estados Unidos, tanto em suas primeiras etapas (falta de testes) como em suas últimas ações (carência de uma política nacional unificada), assinalará o começo do fim do domínio norte-americano ou, em última instância, mostrará a criatividade e a resiliência do país do dólar? Mudanças chegam... as grandes empresas terão que repensar onde e como produzem. Muitas moléculas são fabricadas na China, refinadas na Índia e, após uma longa viagem, terminam espalhadas por todo o mundo. “Quando a crise passar, ocorrerá uma reindustrialização dos Estados Unidos e da Europa. Quem sabe até investimentos na América Latina podem ocorrer, devido aos problemas nas redes de abastecimento que muitas empresas estão sofrendo nesse momento”.

Até mesmo antes da crise, muitas multinacionais com sede nos Estados Unidos já estavam reconsiderando sua dependência da China. Primeiro pelos custos, mas além disso, pela guerra comercial e os impostos. Não é que a globalização se reverterá. O capitalismo em sua essência, sempre será o movimento constante de pessoas e mercadorias. As bases, certamente, de toda a pandemia. Talvez vejamos um "repensar" sobre as cadeias globais de suprimento e a excessiva dependência da China, provocando uma maior demanda para regionalização e produção local. A maneira como as cadeias de suprimentos globais opera criou essa vulnerabilidade imprevista.

Segundo o professor de Relações Internacionais - especialista em Europa - da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Demétrius Pereira, em entrevista ao "SUNO Notícias", a interdependência e a globalização continuarão existindo, mas de forma menos intensa, para que não seja entregue a própria segurança do país nas mãos dos outros. "Os países deverão se tornar mais autônomos em relação às suas dependências", disse Demétrius. "Os países julgarão o que será essencial para eles, e incentivarão as indústrias nacionais a ocupar esse espaço". É o exemplo do que está sendo feito no Japão. No total de quase US\$ 1 trilhão destinado a estímulos econômicos, US\$ 2,2 bilhões foi elencado para incentivar empresas japonesas que queiram retirar sua produção da China para voltar ao Japão, ou se alocar em outros países.



As empresas ficaram vulneráveis porque não conseguem os componentes que precisam. As cadeias de suprimentos criadas com base no inventário "*just-in-time*" e na produção distribuída de componentes (concentradas na China) foram interrompidas pela crise. Sai o "*just-in-time*" e entra o "*just-in-case*". As empresas aprenderam com a crise que precisam ter estoques maiores de segurança, principalmente quem tem cadeias longas de fornecimento. Mas, para produzir localmente as fábricas vão precisar ser competitivas, para competir com a eficiente cadeia de produção chinesa e isso deve levar a um aumento do uso da automação, IoT, IA e robótica. Veremos a tal indústria 4.0 se transformando de experiências isoladas em prática corriqueira.

O processo é acelerado pela reindustrialização nos países ricos, como os EUA, que após perderem suas fábricas para países de mão de obra barata como a China e Índia, começam a trazê-las de volta, mas de forma totalmente automatizadas. Os empregos da indústria americana, perdidos pela saída das fábricas, não estão voltando com elas. Quem está ocupando as funções são os robôs.

7. A luta contra a pobreza extrema aumentará

Nos últimos 25 anos, mais de um bilhão de pessoas saíram da pobreza extrema, e a taxa de pobreza global estava no nível mais baixo já registrado na história - antes da pandemia, de acordo com o Banco Mundial. Os investimentos na África Subsaariana, o desenvolvimento da Índia e até mesmo o Brasil estava retomando lentamente o crescimento. Porém chegou a crise e um tsunami de problemas trazidos por ela. Mas a economia após o Covid-19 traz em princípio, o requisito da solidariedade. É evidente que as medidas fiscais lançadas pelo Executivo para deter a pandemia deixarão um legado de maior deficit e dívida pública. Esses aumentos devem ser financiados a longo prazo (até mesmo décadas). Com qualquer uma das soluções que serão por fim tomadas (emissão de moeda, emissão de dívida pública nacional, auxílio emergencial, entre outras), os Bancos Centrais do mundo terão um grande protagonismo no financiamento dos mercados secundários de dívida.

O preceito de Segurança Nacional incluirá a redistribuição da riqueza, uma arrecadação de receitas mais justa, reforçando o estado de bem-estar. A sociedade também deverá apreciar o valor de trabalhos até agora desprezados. Algumas das contribuições mais sub-valorizadas pedem uma consideração bem diferente. Talvez o novo tempo proponha a lição de que os professores e as enfermeiras são muito mais valiosos do que os banqueiros e os gestores de fundos especulativos. As políticas monetárias perpetuam o tipo de dinheiro a partir do zero porque a inflação deixou de ser um problema. A economia terá que responder às novas exigências sociais. Políticas fiscais mais expansivas, maior pressão por redistribuir a riqueza e, além disso, será preciso projetar divisões de gastos extraordinários diante de novas pandemias e demais crises.





É preciso uma renda básica e qualquer sistema de distribuição semelhante que dê proteção às pessoas em tempos de emergência e de calmaria. Principalmente após o inevitável aumento do desemprego que o fim do enclausuramento econômico deixará. Essas políticas têm a função de retirar os cidadãos da margem da sociedade e é o que os economistas chamam de “capital humano”. Para isso, é preciso priorizar investimentos em saúde e educação, e não apenas em infraestrutura, quando fizerem seus investimentos.

A Holanda está se preparando para inovar pós pandemia, projetando ações para o futuro em busca de uma composição econômica mais solidária e menos predatória. O termo “economia donut” foi criado pela economista britânica Kate Raworth em livro de mesmo nome. O conceito vem ganhando força nos debates sobre a reconstrução do mundo pós-Covid-19 e o governo de Amsterdã anunciou oficialmente que implementarão transformações a partir desse novo modelo econômico. Construindo uma estrutura econômica baseada na redistribuição, se estabelece uma renda básica universal, um sistema universal de serviços públicos, um forte imposto sobre a renda, ao lucro e à riqueza, horários de trabalho reduzidos e trabalhos compartilhados; e que reconhece os “trabalhos de cuidado”. O acesso à água potável, alimentação, moradia, saúde, educação, renda, igualdade de gênero, justiça e voz política, é o mínimo necessário para levar uma “vida boa”, derivada dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. Qualquer pessoa que não atinja esses padrões mínimos está vivendo às margens da sociedade diz a autora.

Carlos Martín, responsável do gabinete econômico das CCOO (Comissões Operárias da Espanha) diz, “Precisamos de uma nova economia de cuidados, que integre os sistemas nacionais de saúde públicos e privados, como fizemos com os sistemas bancários”, e aprofunda, “Minha proposta é um eurosistema de saúde que seria financiado com o primeiro imposto em escala europeia e comunitária”. Quem viver, verá! Ou não!

8. O que importa no trabalho é sua humanidade

A humanidade se tornará o nosso maior valor. Devido ao isolamento, quando os robôs tomarem todos os nossos empregos, o que restará de nós? Sim a nossa criatividade e a capacidade de relacionamento serão cada vez mais importantes para nossa carreira e não podem ser automatizados. Segundo Isabelle Roughol, “Os dados do LinkedIn mostram que as maiores lacunas de habilidades, a diferença entre o que os empregadores procuram e o que os trabalhadores possuem, ainda estão relacionadas às habilidades sociais: a comunicação oral está no topo do estudo *“Emerging Jobs”*, seguido de perto por gestão de pessoas, gestão do tempo e liderança. Para os empregadores, isso significa cuidar de seus funcionários como pessoas inteiras, não apenas como executores de tarefas”. Já a robótica e a automação geraram intenso interesse pelo seu potencial em reduzir o trabalho. Estar de plantão 24 horas por dia, 7 dias por semana, não ficar doente e relatar os dados acumulados é hoje o principal entrave e motivo da alta rotatividade nas indústrias em um processo de produção que não para. Mas, provavelmente, as atividades que demandam criatividade, inovação e colaboração continuarão a ser presenciais. O artigo *“The impact of the ‘open’ workspace on human collaboration”* demonstra que colaboração e criatividade são incentivadas quanto as pessoas interagem diretamente.

A educação continuada ou *“Lifelong learning”* é a forma como devemos enfrentar a crise, desenvolvendo novas habilidades e competências. A inteligência emocional, gestão do tempo, foco, feedbacks remotos, e tantos outros é um processo que não tem fim. A partir da agilidade das transformações no mundo, o aprendizado não pode ser mais visto como uma jornada com início, meio e fim. Devemos aprender constantemente ou seremos engolidos por novas crises e desafios.

O *“Lifelong learning”* já vinha sendo visto enquanto competência essencial para a sobrevivência em um mundo exponencial. Sabemos que a agilidade é uma tendência, antes mesmo da crise. Esse momento complexo e desafiador apenas reforçou como devemos estar dispostos a nos reinventarmos e que garantir a perenidade do desenvolvimento é essencial para a sobrevivência de pessoas e organizações.

Recomendo um livro, *“The Future of the Professions: How Technology Will Transform the Work of Human Experts”*, que mostra o potencial das rupturas que estão diante de várias profissões como as que conhecemos hoje.



9. Revisão de crenças e valores

A crise de saúde pública é definida por alguns pesquisadores como um “reset”, uma espécie de um divisor de águas capaz de provocar mudanças profundas no comportamento das pessoas. “Uma crise como essa pode mudar valores”, diz Pete Lunn, chefe da unidade de pesquisa comportamental da Trinity College Dublin, em entrevista ao “Newsday”.

“As crises obrigam as comunidades a se unirem e trabalharem mais como equipes, seja nos bairros, entre funcionários de empresas, onde for... e isso pode afetar os valores daqueles que vivem nesse período, assim como ocorre com as gerações que viveram guerras”. Já estamos começando a ver esses sinais no Brasil e no centro de São Paulo, com vários exemplos de pessoas que se unem para ajudar idosos ou “drive thru” para arrecadação de alimentos, por exemplo.



A crise provocou a necessidade de mudanças em muitos aspectos regulatórios, como aqui no Brasil, com o uso da telemedicina. O PL 696/2020 é um exemplo. Pelo texto: “Telemedicina é o exercício da medicina mediado por tecnologias para assistência, pesquisa, prevenção de doenças e lesões e promoção de saúde. Ao sugerir esse recurso, o médico deve esclarecer ao paciente as limitações disso, como a impossibilidade de realizar exames que exijam coleta de material, por exemplo.

O projeto prevê ainda a ampliação do serviço de telemedicina após o fim da pandemia, com a regulamentação dessa modalidade de atendimento pelo Conselho Federal de Medicina”. Com a evolução rápida das tecnologias vestíveis (*wearables*) e dispositivos que facilitem exames, veremos uma abrangência maior no seu uso. A medicina veterinária e os advogados também surfarão nessa onda.

No caso da educação, ela já está em prova. Um recente relatório do *World Economic Forum*, “*Schools of the Future*”, mostrou que o Brasil está muito atrasado e despreparado para competir no novo mundo que se desenha.

O “novo normal” será diferente do que estamos habituados e as habilidades e capacitações para este novo mundo, cada vez mais digital, ágil, incerto e resiliente, demanda uma mudança radical na educação. A regulação terá que permitir essas transformações e agilidade no sistema educacional.



10. A poluição diminuiu, o buraco da camada de ozônio desapareceu e a qualidade do ar melhorou

Com o planeta focado em combater a pandemia de Covid-19, a poluição e as emissões de gases de efeito estufa caíram consideravelmente, como consequência da diminuição da atividade econômica, cancelamento de voos e menor circulação de carros. Um dos raros pontos positivos da pandemia foi a queda nas emissões dos transportes e da indústria, levando à melhoria da qualidade do ar e da água em muitos lugares. Sem a possibilidade de ir trabalhar, visitar amigos, família ou sair de férias, as pessoas estão emitindo menos carbono e produzindo menos outros produtos químicos poluentes. Conferências e reuniões mudaram para on-line, e as pessoas estão descobrindo atrações locais, pelo menos onde podem ir. Mas, assim como em outras situações de crise, os níveis voltaram a atingir picos após o relaxamento do distanciamento social.

Em Nova York, as emissões de monóxido de carbono oriundas de automóveis diminuiu 50%, em comparação ao ano passado no período de lockdown, segundo dados de pesquisadores da Universidade de Columbia, revelados à BBC. Faz sentido, já que o tráfego da cidade caiu em 35% com a chegada do Covid-19. Além do monóxido de carbono, pesquisadores descobriram que o dióxido de carbono diminuiu em até 10% e o metano também apresentou quedas, e ambos são gases de efeito estufa que intensificam o aquecimento global.

Na China, epicentro da pandemia, as emissões de CO₂ diminuíram 25% em um período de apenas duas semanas, o que pode resultar em uma redução de 1% do valor de 2020, segundo estimativas. E os níveis de NO₂, um outro gás de efeito estufa, também caíram.

Imagens de satélite mostraram recentemente ao mundo todo, como os níveis de poluição do ar com dióxido de carbono e nitrogênio diminuíram na China, Estados Unidos, França, Itália e São Paulo.

Um estudo publicado na revista "Nature Climate Change" mostra que, no começo de abril, as emissões diárias de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera caíram 17% no mundo todo, em comparação com a média diária de 2019. Foi o menor volume de emissões registrado desde 2006. No acumulado dos primeiros quatro meses de 2020, houve 1 bilhão de toneladas de CO₂ a menos sendo lançado na atmosfera.

É claro, uma vez que as restrições foram levantadas, muitos aproveitaram a primeira oportunidade de visitar os entes queridos novamente e voltar à vida normal. Mas com as pessoas se acostumando a limitar a condução e os voos, por necessidade, podemos esperar que o padrão de aumento das emissões globalmente seja interrompido ou pelo menos diminuído, não?! Na China, onde a poluição causa mais de 1,6 milhão de mortes prematuras, o confinamento, de acordo com o cientista da Universidade de Stanford, Marshall Burke, salvou a vida de pelo menos 1.400 crianças menores de 5 anos e 51.700 adultos de mais de 70 anos. Salvaram muito mais vidas do que as 4.749 mortes registradas até 19/11/2020 do surto de Covid-19 no País. É para se pensar.

Outra questão que ficou muito clara é que a agroindústria, suas vacas, seus plantéis animais de produção intensiva e monoculturas de alto desempenho, têm mínima responsabilidade com o agravamento da crise climática. Outrora considerados os responsáveis por toda desgraça climática, foi somente diminuir em 20% a atividade humana que em pouco tempo observamos a recuperação da natureza, diminuição da poluição do ar, fechamento de buracos na camada de ozônio, águas cristalinas em nossas costas com aparecimento de tartarugas e tubarões baleia e animais selvagens em famosos pontos turísticos.

Será que depois de tudo isso, vamos repensar nosso “*modus operandi*”?



Referências bibliográficas:

Adaptado de Isabelle Roughol - 30 Grandes Ideias para 2019: os temas para ficar de olho no próximo ano - Published on LinkedIn 2018 M12 17.

<https://www.sunoresearch.com.br/noticias/desglobalizacao-mundo-pos-coronavirus/>

https://www.jornalcomercio.com/_conteudo/economia/2020/05/738363-com-covid-19-e-comerce-ja-e-48-maior-que-no-mesmo-periodo-de-2019.html

<https://rhpravoce.com.br/posts/3-tendencias-de-rh-para-o-mundo-pos-coronavirus>

Adaptado da Live do pernambucano Silvio Meira é professor doutor em ciência da computação, empreendedor, fundador do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (CESAR) e presidente do conselho do Porto Digital.

<https://super.abril.com.br/ciencia/poluicao-atmosferica-cai-mundo-afora-com-a-pandemia-de-covid-19/>

Por Gabriel Valery, da RBA Publicado 03/05/2020 - 10h45 flickr creative commons/andrés nietto

<https://neofeed.com.br/blog/home/empresas-que-nao-se-adaptarem-ao-mundo-pos-covid-irao-desaparecer/>

Cezar Taurion é Partner e Head of Digital Transformation da Kick Corporate Ventures e presidente do i2a2 (Instituto de Inteligência Artificial Aplicada).

<https://crescimentum.com.br/tendencias-para-o-novo-mundo-pos-pandemia/>

Paola Carvalho - postado em 18/04/2020 04:00 / atualizado em 18/04/2020 07:23 - Editora Zahar/ Divulgação

Publicado originalmente no Library Policy and Advocacy Blog da IFLA sob o título “Now and Next: What a Post-COVID World May Bring for Libraries” | Tradução: Chico de Paula | Revisão: Gilda Queiroz

<https://successtechnologia.wordpress.com/>

Desglobalização: o mundo pós-coronavírus? Por JADER LAZARINI 26/04/2020 CompartilheTweet Em 31 de dezembro de 2019

<https://propmark.com.br/opiniao/cinco-tendencias-para-2020/>

Artigo “10 technology trends to watch in the COVID-19 pandemic”.

<https://brasil.elpais.com/economia/2020-04-13/como-sera-a-economia-apos-o-coronavirus.html>

Rodrigo Cogo - Aberje Editorial/2016.

<https://pt.euronews.com/2020/04/13/covid-19-o-impacto-da-pandemia-no-meio-ambiente>

“<https://www.sunoresearch.com.br/noticias/desglobalizacao-mundo-pos-coronavirus/>” Desglobalização: como será o mundo pós-coronavírus?